

## Ligas Acadêmicas de Medicina: narrativa sobre currículo e regulamentação

**João Eduardo Daher Carneiro Ferraz** <sup>i</sup> 

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil

**Bruno Guimarães Marcarini** <sup>ii</sup> 


Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, SP, Brasil

**Pedro Araújo Sette** <sup>iii</sup> 

Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, ES, Brasil

**Caio Magno Deboni Neiva** <sup>iv</sup> 

Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, SP, Brasil

**Rosana Alves** <sup>v</sup> 

Faculdades Pequeno Príncipe, Curitiba, PR, Brasil

1

### Resumo

Ligas Acadêmicas de Medicina (LAM) são organizações protagonizadas por estudantes, sob orientação docente, idealmente voltadas ao auxílio de resolução de problemas de interesse da comunidade. O número de LAM no Brasil tem crescido, nem sempre alinhados à sua idealização. Esta revisão narrativa objetiva identificar as necessidades de alinhamento, desde a criação até a avaliação periódica. A busca bibliográfica foi realizada nas bases de dados Lilacs e Medline, de artigos científicos publicados nos últimos 10 anos, baseados no papel das LAM na formação médica e sua regulamentação. Os resultados apresentaram pontos favoráveis e desfavoráveis sobre a formação médica e alguns caminhos para a regulamentação.

**Palavras-chave:** Ligas Acadêmicas de Medicina. Educação médica. Estudantes de medicina.

### Medicine Academic Leagues: narrative about curriculum and regulation

#### Abstract

Academic Medicine Leagues (LAM) are organizations carried out by students under the guidance of a professor, ideally aimed at helping to solve problems of interest to the community. The number of LAMs has increased in Brazil, not always in compliance with their ideals. This narrative review aims to identify the alignment needs since the beginning of this project until its periodic assessment. The bibliographic survey was carried out in LILACS and Medline databases with a selection of many scientific articles published over the last 10 years, based on the role of LAM in medical training and its regulation. As a result, LAM's favorable and unfavorable points regarding medical training and some paths towards its regulation were pointed out.

**Keywords:** Medicine Academic Leagues; Education, medical; Students, medical.

## 1 Introdução

Os humanos pensam em forma de narrativas e não de fatos, números ou equações, e quanto mais simples a narrativa, melhor. (Yuval Noah Harari - 21 lições para o século 21)

2

As Ligas Acadêmicas de Medicina (LAM) são organizações discentes de protagonismo estudantil que visam o aprofundamento em temáticas médicas em um currículo paralelo. Esse aprofundamento geralmente ocorre pela organização de cursos, simpósios, projetos de pesquisa e extensão universitária além de atividades práticas direcionadas à assistência, nem sempre acompanhado de uma orientação docente que as adequa ao Projeto Pedagógico de Curso (PPC) da Instituição de Ensino Superior (IES) de origem da LAM.

Historicamente, a primeira LAM brasileira foi criada em 1920 na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, a Liga de Combate à Sífilis (BURJATO, 1999), mas no início do século XX, a filosofia era outra, pois o foco era formar um grupo de trabalho de campo de apoio à população, o que hoje pode ser equiparado a um projeto de extensão. Com o passar dos anos, o estímulo institucional a atividades extracurriculares e à falta de atividades práticas no início da graduação propiciou um crescimento das LAM por todo o Brasil, sem que houvesse uma compatível consolidação da normatização e regulamentação das suas atividades. A efetivação do tripé acadêmico a partir da Constituição de 1988, a qual reconheceu o ensino, pesquisa e extensão como fundamentais do processo de formação, fortaleceu e ampliou o papel das LAM (TORRES et al., 2008). Soma-se a isso, o movimento iniciado em 2001, que previa o ensino superior consonante com o mercado de trabalho e a realidade locorregional e, em 2014, as novas Diretrizes Curriculares Nacionais em medicina (BRASIL, 2014) reafirmaram a formação generalista da graduação, o que fomentou um anseio ainda maior pelo contato com atividades práticas.

A primeira proposta nacional de normatização e regulamentação das atividades das LAM surgiu durante o 8º Congresso Brasileiro de Clínica Médica,

em 2005, quando também ocorreu a fundação da Associação Brasileira de Ligas Acadêmicas de Medicina (ABLAM), com a proposta de estabelecer diretrizes nacionais e, assim, tentar padronizar a criação e funcionamento das ligas. No entanto, como o vínculo a esse órgão se dá de forma voluntária, a ação da ABLAM não acompanha todas as ligas no país (ABLAM, 2016).

3

Hoje, no Brasil, há 350 cursos de medicina e, considerando que o número de LAM por escola médica varia de 10 a 15, se estima que existam entre 3.500 e 5.250 LAM (ESCOLAS MÉDICAS DO BRASIL, 2021). Há diversas formas de criação, regulamentação e vinculação, pode-se encontrar LAM vinculadas a IES, por meio de Núcleos e Pró-Reitorias de Extensão, em parceria com os Diretórios Acadêmicos das escolas médicas e, até mesmo desvinculadas, como pessoa jurídica independente. Em reação a este cenário, alguns Centros Acadêmicos (CA) de medicina observaram a necessidade da criação de um órgão acadêmico responsável diretamente pelo acompanhamento local das atividades das LAM e o denominaram de Conselho de Ligas. Este Conselho necessita ainda de reestruturação teórica e legislação, assim como definições sobre vinculação e seu papel na IES, priorização de projetos de extensão, graduação, pesquisa ou protagonismo estudantil. Da mesma forma, as Ligas e seu órgão regulador e supervisor da IES devem se aproximar ao que determina o PPC, assim como orientar o melhor momento de atuação nas LAM durante a formação do estudante, pois até então, esta atuação tem ocorrido em um currículo paralelo, ainda, pouco documentado na literatura. Além disso, uma regulamentação mais homogênea das Ligas pode ser um caminho de adequação de suas atividades ao PPC, como forma de minimizar seus riscos à formação discente.

Visando auxiliar na discussão sobre as Ligas Acadêmicas de Medicina, este estudo objetiva sumarizar evidências de artigos disponíveis em bases de dados científicas que relatem a realidade brasileira sobre as LAM e seu papel no curso médico, assim como sua regulamentação.

## 2 Metodologia

Trata-se de revisão narrativa de caráter descritivo, crítico e reflexivo a respeito das Ligas Acadêmicas de Medicina, seu papel na formação médica e sua regulamentação. A técnica de pesquisa utilizada foi o levantamento bibliográfico, realizado nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde – Lilacs e *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* – Medline, nos últimos 10 anos (2011 a 2020).

4

Foi definido como critério de elegibilidade, artigos originais ou de revisão sobre Ligas Acadêmicas de Medicina, preferencialmente brasileiros, com seleção daqueles que envolvessem LAM e um ou mais dos seguintes termos: Pesquisa, Extensão, Ensino, Formação profissional, Formação Médica, Educação Médica, Supervisão e/ou Regulamentação. Foram excluídos os resumos de anais de congressos e relatos de experiências das LAM sobre conteúdos de especialidade médica, sem reflexões sobre a formação.

Após seleção dos artigos, foi realizada a leitura exploratória, leitura seletiva, com posterior análise e, por fim leitura interpretativa. A leitura exploratória, embora rápida e superficial, permitiu excluir artigos que não abordavam o tema e encaminhar para o passo seguinte, a leitura seletiva, com a inclusão dos artigos para esta narrativa. Na leitura analítica ou análise foi realizada a interpretação objetiva dos resultados dos artigos, com identificação das ideias-chave, para nova recomposição em sínteses. A leitura interpretativa permitiu organizar as ideias de vários autores em tópicos, de forma objetiva e, por último aproximá-las aos objetivos deste estudo, em forma de narrativa (MOTA, 2006), organizada em dois grandes tópicos nos Resultados e Discussão: I. Ligas Acadêmicas de Medicina e Currículo Médico e II. Ligas Acadêmicas de Medicina, supervisão e regulamentação.

### 3 Resultados e Discussão

#### I. Ligas Acadêmicas de Medicina e o Currículo Médico

A década de 90 foi uma época de muitos estudos sobre currículo, incluindo o que era feito “dentro da grade curricular” e o que era feito fora dela. O primeiro

abrange o conjunto de experiências planejado pela escola médica e o último abarca as definições de currículo paralelo, extracurricular ou não planejado. As DCN de 2001 (BRASIL, 2001) promoveram a inserção de boa parte do chamado currículo paralelo ao currículo planejado, por meio das atividades complementares. O currículo paralelo passa, então, a contemplar experiências que o estudante busca espontaneamente na própria IES ou fora dela. O currículo oculto, por fim, compreende normas e valores implícitos, mas efetivamente transmitidos aos estudantes, nos mais diferentes regimes de influências éticas, técnicas e de comportamento, que vigora até hoje de forma oculta (KOIFMAN, 1998; MAIA, 2004; REGO, 1994; TAVARES et al., 2007).

Um dos principais motivos apontados pelos estudantes para participar em atividades extracurriculares era o de "aproximar-se da prática médica", assim como conhecer a especialidade e antecipar o aprendizado prático, por este motivo, muitos estudantes buscavam plantões assistenciais. Estes continuam sendo os motivadores para a busca das LAM, pelos estudantes, mas houve a ampliação de atividades teóricas, talvez em busca de um aprendizado mais prazeroso e livre de formalidades acadêmicas (MOREIRA et al., 2019; PERES; ANDRADE; GARCIA, 2007). Algumas LAM, aproximam-se do currículo planejado ou, às vezes, o complementam, a exemplo de disciplina eletiva, com mais conteúdos teóricos, mas raramente há demonstrações ou práticas (AMADERA et al., 2010; SILVA; FLORES, 2015; YANG et al., 2019).

À medida que as LAM assumem papel complementar no conteúdo das disciplinas, identifica-se a crescente importância do protagonismo discente no processo de ensino-aprendizagem, mas é oportuno ressaltar que a busca por outros ambientes de aprendizado pode sinalizar que o modelo hierárquico e carregado de formalidades acadêmicas das salas de aula já não contempla a dinâmica de construção do conhecimento. Ademais, quando as LAM se propõem a preencher lacunas do currículo planejado, expõem a necessidade de repensá-lo, pois para a maioria dos estudantes há a necessidade de subverter a estrutura curricular formal, estabelecida pelo curso, tornando-o mais democrático na formação de um cidadão responsável e ativo na manutenção e transformação da sociedade. Mas há o

questionamento sobre a mera reprodução do ambiente da sala de aula, com as mesmas formalidades, pela LAM (HAMAMOTO FILHO et al., 2010; KOIFMAN, 1996; MENDES, 2021).

Em colocação curiosa, a Liga Acadêmica de Medicina de Família e Comunidade (LAMFAC) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em 2011, se apresentou como tentativa de reajuste da formação acadêmica, que, segundo os autores, formava profissionais sem direcionamento prático em saúde da família. Mencionou que a atuação dos graduandos na atenção básica era pontual no início do curso, que a LAM ampliaria esse contato com a comunidade e consequentemente proporcionaria formação mais crítica e reflexiva, sobretudo no cumprimento do papel generalista do médico (BONIN et al., 2011).

Alguns estudos apontam maior interesse dos estudantes pelos conteúdos das especialidades durante e mesmo após o cumprimento de atividades nas LAM, incluindo melhora no desempenho curricular na especialidade (FERREIRA; ARANHA; SOUZA, 2015; RAMALHO et al., 2012). Mas, uma preocupação quanto ao impacto que as LAM podem causar na formação médica é a possibilidade, por meio de um currículo paralelo e até mesmo oculto, de incentivar uma especialização precoce ou sobrecarga de atividades pelo estudante de medicina, em detrimento da de atividades de extensão, preconizadas em seus regulamentos, como um caminho para a integração ensino e comunidade.

#### Ligas Acadêmicas enquanto caminho de Integração Ensino-Serviço-Comunidade

O fato das LAM serem atividades de livre protagonismo, a iniciativa discente proporciona experiências variadas aos estudantes durante a graduação, mas os impactos dessa atuação são controversos no ambiente acadêmico, quando se buscam resultados pelas atividades voltadas à comunidade, onde os dados são pouco conhecidos. Seja pelo número reduzido de atividades direcionadas à comunidade ou pela ausência de estudos com objetivo de explorar estas repercussões.

Embora seja recomendado e também reiterado pelas diretrizes da Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina (DENEM) e da ABLAM (2016) que as ligas devam distribuir suas atividades no eixo do tripé universitário de ensino, pesquisa e extensão, a literatura revela pouca inserção dos estudantes ligantes em ações extensionistas, o que, conforme observado por Silva e Flores (2015), pode ser atribuído à burocracia, ao calendário acadêmico com pouco espaço para atividades curriculares paralelas e/ou complementares e ao distanciamento entre universidade e comunidade. Goergen (2017), ao estudar a experiência de 15 LAM, pontuou que embora a maioria reconhecesse a importância de atividades de extensão em seus relatos, poucas tinham concretizado seus projetos nesta área. A mesma assimetria na atuação das LAM foi observada em outros estudos (SANTANA, 2012; MOREIRA et al., 2019).

Em 2010, Hamamoto Filho et al. (2011), afirmaram que a inserção das LAM na comunidade de Botucatu/SP era grande, com participação frequente dos estudantes em campanhas como o Dia Mundial de Combate ao Fumo, Dia Sem Acidentes (na semana no trânsito), Campanha Nacional de Prevenção ao Câncer de Pele, Dia Mundial de Combate à AIDS, Dia Nacional do Idoso, entre outras. A participação é pontual, mas a atuação sobre os determinantes sociais de saúde, nos dias de campanha são uma pequena parte de Programas. Sendo assim, ao se vincular a um Programa do Ministério da Saúde, por exemplo, uma liga poderá atuar em todas as frentes: ensino e extensão, por meio de capacitação de equipes de estudantes e na educação em saúde de usuários e pesquisa, desde o relato da experiência extensionista ao impacto de suas ações.

A participação discente em atividades assistenciais, por meio das LAM, de promoção e prevenção em saúde deve ser objeto de análise crítica, principalmente no que diz respeito à supervisão por profissional capacitado, observância de competências desenvolvidas nas atividades, concordância com o PPC e, principalmente, ao impacto da atuação dos estudantes na comunidade. Em alusão às DCN, que sustentam a formação médica em consonância com princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), Cavalcante et al. (2018) consideraram que as LAM poderiam configurar estratégias de inserção dos estudantes nos

espaços extramuros da universidade, bem como as disciplinas regulares. Hamamoto Filho et al. (2010), ao abordarem os riscos da atuação das LAM sem a devida supervisão e orientação, pontuaram o exercício ilegal da profissão e destacaram que algumas LAM têm deturpado seus objetivos, não oferecendo qualquer serviço em prol da comunidade.

## Ligas Acadêmicas e a Sobrecarga de Atividades

Ainda sob a ótica curricular, é pertinente avaliar como as LAM se inserem e impactam no equilíbrio entre currículos planejado e não planejado. Estudos destacam a possibilidade de subversão da estrutura curricular obrigatória, uma vez que estudantes podem priorizar atividades das LAM ao invés das atividades da matriz curricular (MONTEIRO et al., 2008; HAMAMOTO FILHO 2011). É questionado se realmente este movimento está próximo à subversão da estrutura curricular obrigatória, uma vez que estudantes têm priorizado as atividades das LAM em detrimento das atividades de ensino, com objetivo de organizar as mesmas atividades teóricas, ou seja, manter o mesmo *status quo*. A soma de atividades vai além da carga horária semanal, levando ao esgotamento físico e emocional do estudante.

Até o início deste século, o currículo paralelo era conceituado como aquele em que estudantes realizavam atividades que não geravam créditos para o histórico escolar, o que demonstrava uma forma de formação paralela ou coadjuvante à estrutura curricular formal estabelecida pela faculdade, onde as atividades mais frequentemente realizadas eram os plantões assistenciais em hospitais para aquisição de prática clínica (REGO, 1994; KOIFMAN, 1996; KOIFMAN, 1998). Mas, na 1ª década do século XXI, com as mudanças curriculares realizadas após as DCN para os cursos da graduação (Brasil, 2001), muitas atividades do currículo paralelo foram integralizadas na matriz curricular por meio de disciplinas eletivas ou de aproveitamento de carga horária para atividades complementares. Destas, as mais frequentes são monitoria, iniciação científica/pesquisa, projetos de extensão e ligas acadêmicas de medicina. A monitoria auxilia a superar problemas e rompimento de



barreiras entre o corpo docente e estudantes pelo favorecimento da comunicação e acompanhamento de estudantes, cada um em seu tempo e ritmo (GONÇALVES et al, 2021).

Nesse sentido, questiona-se o quão danoso à saúde deste estudante e a sua formação pode se tornar o processo de proliferação de ligas, uma vez que algumas seguem na contramão das propostas de formação descritas nas DCN, de atenção à saúde e de sua própria saúde.

9

### Ligas Acadêmicas, Especialização Precoce e o Impacto na Escolha Profissional

Muitas sociedades científicas de especialidades médicas têm estimulado a organização de LAM em suas áreas, como forma de aumentar o interesse pela especialidade, como exemplo, a Associação de Medicina Intensiva Brasileira (AMIB) que organizou um Comitê das Ligas Acadêmicas na especialidade (Ligami–Amib). A partir de entrevistas com grupos focais, Moreira et al. (2019) observaram que a principal motivação de estudantes para o ingresso em LAM era o interesse em conhecer a especialidade tema da liga, de modo a ter mais subsídios para a futura escolha de uma especialização.

Algumas ligas se tornam espaços de “especialização prévia” num currículo dirigido a uma formação ampla e generalista, já outros apontam que as LAM não são capazes de influenciar na escolha da especialidade da residência médica. (HAMAMOTO FILHO et al., 2010; MORAES et al., 2018).

Definir qual especialidade médica seguir após a graduação pode ser uma tarefa desafiadora para muitos estudantes ao longo do curso de medicina. Embora muito se discuta quanto aos potenciais riscos que as LAM oferecem ao currículo, sobretudo no que diz respeito a especialização precoce, elas podem, por outro lado, fornecer subsídios que amparem a escolha da futura carreira profissional. Ao promover um contato mais íntimo do graduando com especialidades médicas, as LAM podem fazer uma diferença expressiva nos caminhos após a graduação, uma vez que parece existir relação entre a liga que o estudante atuou e a especialidade que escolhe exercer. É coerente pensar que, em um primeiro momento,

experimentar a prática cotidiana em um determinado campo acabará influenciando a escolha profissional do estudante (FERNANDES et al., 2010; IMAKUMA, 2013; PEGO-FERNANDES; MARIANI, 2010; MORAES et al., 2018; MOREIRA et al., 2019) e a falta de contato com algumas especialidades pode até mesmo afastá-los das mesmas. (EK; EK; MACKAY, 2005; MONTEIRO et al., 2008).

Com a curricularização da extensão, as LAM podem auxiliar no ensino (modelo monitoria), na extensão (co-supervisão) e em projetos de ensino, colaborando ativamente nos módulos curricularizados de extensão da matriz, mantendo a mesma motivação, pois as atividades estarão entrelaçadas com a especialidade da liga em questão. Curricularizar a extensão, baseada na Resolução nº 07 de 18 de dezembro de 2018, que estabelece Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira (BRASIL, 2018), talvez seja um caminho tanto para a sociedade como para o repensar futuro das seleções de residência médica.

Somado a isso, devemos considerar que as LAM não são atividades obrigatórias e dependem da automotivação do estudante para seguir caminhos acadêmicos pessoais em áreas de interesse (FERREIRA; ARANHA; SOUZA, 2015), o que torna ainda mais íntima a relação entre participação em LAM e a escolha profissional após a graduação.

Em 2017, Moura Pontes e Torreão (2019), pesquisaram a influência da participação em LAM sobre escolha da especialidade e encontraram que, dos 339 ingressantes em programas de Residência Médica em Salvador/BA entrevistados, 79,8% participaram de LAM e, 45,4% destes, consideraram que esta participação influenciou na escolha da especialidade. Apesar disto, discutem que a escolha da especialidade é multifatorial, sendo a LAM um deles.

Cabe, portanto, um olhar mais crítico sobre esse fato, uma vez que, nesse sentido, as LAM estão sujeitas a contrariar ao que é determinado pelas DCN Medicina sobre a importância de formar médicos generalistas com uma ampla visão do complexo processo saúde-doença, e aptos a trabalharem no SUS (GONÇALVES et al., 2009). Em vista disso, a participação nestas atividades não deve restringir as perspectivas do estudante ou estreitar sua visão de possibilidades de forma a distorcer sua formação generalista (HAMAMOTO FILHO, 2011).

É importante buscar caminhos nos quais as LAM não sejam escolhidas como testes vocacionais para futuras especializações e, menos ainda, como um espaço capaz de subverter o currículo, favorecer a fragmentação do conhecimento e estabelecer a especialização precoce, mas sim discutir o que a especialidade pode contribuir no amplo conceito de integralidade em saúde para alcançar o perfil do egresso almejado pela sua escola médica. A especialidade deve ser estudada na especialização/residência médica (HAMAMOTO FILHO, 2011; BASTOS et al., 2012; FERREIRA; ARANHA; SOUZA, 2015).

## II. Ligas Acadêmicas de Medicina, Supervisão e Regulamentação

A regulamentação das LAM é pouco abordada na literatura, porém não menos importante, pelo contrário, a normatização das atividades das ligas perpassa todos os itens abordados e é uma tentativa de minimizar vícios à formação e potencializar benefícios quando bem aplicada. Nesse sentido, a ABLAM, dentre outras coisas, formulou diretrizes que deveriam nortear a organização e funcionamento de todas as LAM no país (ABLAM, 2016). Essas diretrizes postulam, por exemplo, que as ligas não são exceção ao dever do cumprimento do tripé universitário e também oferecem um modelo mínimo para a constituição de uma direção executiva para cada liga acadêmica. No entanto, apesar de estabelecer diretrizes, essa associação carece de autoridade e mecanismos para transformá-las em normas e, assim, regular a atividade das ligas. Desta forma, a dúvida continua: quem regulamenta as ligas acadêmicas?

Frente a esse questionamento e aos desafios emergentes com a multiplicação acelerada de ligas acadêmicas, Hamamoto Filho et al. (2010) relatou a experiência da criação de um órgão local de regulamentação de LAM, o Conselho de Ligas Acadêmicas (Colig ou Conligac) que, por sua vez, era formado por uma associação de representantes de todas as ligas acadêmicas da Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB) /Unesp, vinculado ao Centro Acadêmico local.

É importante ressaltar que neste processo de regulamentação, via Conselho de Ligas Acadêmicas, existem processos de fiscalização, onde são definidos metas

e objetivos para um ano de gestão. Além do exemplo da Conligac da FMB/Unesp (UNESP/FMB, 2019), há processos semelhantes nos Conselhos de Ligas Acadêmicas da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto/SP (FAMERP, 2019) e da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FMUFG, 2013). Nestas escolas, as LAM emitem relatórios que são avaliadas pela diretoria dos Conselhos de Ligas Acadêmicas, onde são descritas as atividades de ensino, pesquisa e extensão realizadas ao longo do ano letivo. Mesmo assim, os critérios avaliativos entre os conselhos das escolas são extremamente heterogêneos.

Reconhece-se o caráter formal e burocrático conferido à proposta de normatização das LAM por meio de um Conselho de Ligas, um órgão estudantil vinculado ao Centro ou Diretório acadêmico de medicina. Entretanto, estas normas têm fortalecido a reflexão sobre as finalidades de uma liga acadêmica, uma vez que exigem, do grupo envolvido na fundação da liga, a determinação clara de objetivos e a adequação ao cumprimento dos princípios prescritos nas DCN, ao PPC da escola médica e aos preceitos do SUS. Além disso, tais normas tornam mais criterioso o processo de criação de ligas, impedindo que uma proliferação desenfreada enfraqueça as já existentes e aquelas ainda em formação, com a necessidade de um percentual maior de atividades de extensão (HAMAMOTO FILHO et al., 2010).

Em contraposição à regulamentação de órgãos majoritariamente compostos por estudantes, algumas IES vinculam as LAM às coordenações e pró-reitorias de extensão, quando o projeto principal e de maior carga horária da liga é apresentado como extensão. De uma forma ou de outra, com ou sem vinculação, supervisão ou regulamentação das LAM, o corpo docente possui papel puramente burocrático-administrativo, se ausentando deste processo. Não há na literatura alguma determinação nacional que consensualize estes procedimentos.

#### 4 Considerações finais

Talvez seja, novamente, a hora de discutir o currículo. Repensar e refletir sobre experiências tais como atividades extracurriculares, que talvez devam estar

realmente fora da matriz curricular, sem aproveitamento para atividades complementares, que façam parte apenas do currículo individual do próprio aluno e que ele próprio faça o juízo de valor destas atividades. Será mesmo protagonismo estudantil enquanto houver a necessidade de chancela da IES? Será que a busca por atividades extracurriculares (chanceladas como atividades complementares) é uma real subversão ao que não se está aprendendo dentro da matriz ou um simples contar de pontos em um edital de seleção para residência médica?

Para que essa transformação aconteça e deixe de ser um mero contar de horas em uma matriz, as IES deverão promover encontros sobre o papel da extensão na formação médica, incluindo seu conceito. O “fazer” na assistência médica, com grande carga horária de atividades práticas nas matrizes curriculares de medicina, deverá ter seu conceito rediscutido, pois sempre envolve ensino e muitas vezes, pesquisa. Mas também não envolve a extensão? As IES, em seus programas de Desenvolvimento Docente, poderão capacitar docentes a desenvolver a extensão, a partir de sua conceituação e cenários de atuação. É papel da IES incluir a extensão na carga horária dos docentes, assim como fomento para os programas. Este será um longo caminho, que envolve valorização da extensão pela IES, valorização das ciências humanas e sociais, busca de parcerias e não apenas a institucionalização no papel.

A partir do entendimento sobre a formação de um médico competente, segundo as DCN, rediscutindo similaridades e necessidades das LAM, seu aproveitamento na matriz curricular em conjunto com as atividades de extensão, cada escola médica poderá repensar sobre a regulamentação das LAM, junto aos centros acadêmicos, para que estas ações possam ser somadas à diversidade de atividades que um currículo médico necessita para vencer o desafio de formar o profissional para o século XXI.

## Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIGAS ACADÊMICAS DE MEDICINA. **Diretrizes Nacionais**. 2016. Disponível em: <https://ablam.org.br/diretrizes-nacionais/>. Acesso em: 3 nov. 2020.

AMADERA, João Eduardo Daud et al. The teaching of acupuncture in the University of São Paulo School of Medicine, Brazil. **Revista Associação Médica Brasileira**, v. 56, n. 4, p. 458-461, nov. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ramb/a/3YC9CP93Gv9MDHQ7kTmC35q/?lang=en#>. Acesso em: 2 jul. 2020.

BASTOS, Mayara Lisboa Doares et al. O papel das ligas acadêmicas na formação profissional. **Jornal brasileiro de Pneumologia**, Brasília, v. 38, n. 6, p. 803-805, dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpneu/a/cyz6kZHXdWYZMfcPrRYcCPx/?lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2020.

BONIN, João Eliton et al. Liga acadêmica de Medicina de Família e Comunidade: instrumento de complementação curricular. **Revista APS**, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 50-57, jan/mar. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/aps/article/view/14623>. Acesso em: 2 jul. 2020

BRASIL. **Resolução CNE/CES nº 4, de 7 de novembro de 2001**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES04.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2020.

BRASIL. **Resolução CNE/CES nº 3, de 20 de julho de 2014**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina, e dá outras providências. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES04.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2020.

BRASIL. **Resolução nº 07 de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. Disponível em: [https://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808](https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808). Acesso em: 18 out. 2021.

BURJATO JÚNIOR, Dacio; SAMPAIO, Sebastião Almeida Prado. **História da liga de combate à sífilis e a evolução da sífilis na cidade de São Paulo (1920-1995)**. São Paulo: USP, 1999. 92 p. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001045340>. Acesso em: 2 jul. 2021.

CAVALCANTE, Ana Suelen Pedroza et al. As Ligas Acadêmicas na Área da Saúde: Lacunas do Conhecimento na Produção Científica Brasileira. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 42, n. 1, p. 199-206, jan/mar. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/k7qRfT6dmKPXk4Rx49TVBQw/?lang=pt>. Acesso em: 21 jan. 2020.

EK, Edmund; EK, Eugene; MACKAY, Sean. Undergraduate experience of surgical teaching and its influence and its influence on career choice. **ANZ Journal of Surgery**, Victoria, v. 75, n. 8, p. 713-718, aug. 2005. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16076339/>. Acesso em: 3 nov. 2020.

ESCOLAS MÉDICAS DO BRASIL. **Total de escolas médicas no Brasil**. Disponível em: <https://www.escolasmedicas.com.br>. Acesso em: 10 de julho de 2021.

15

FACULDADE DE MEDICINA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO. Portaria FAMERP nº 50, de 19 de Julho de 2019. **FAMERP**. São José do Rio Preto, 2019. Disponível em: <https://www.famerp.br/index.php/ligas>. Acesso em: 3 nov. 2020.

FERNANDES, Flávio Guimarães et al. Cardiothoracic Surgery League from University of São Paulo Medical School: twelve years in medical education experience. **Revista Brasileira de Cirurgia Cardiovascular**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 552-558, dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbccv/a/s8vXMDqHKpQ76GY7fQYzCzh/?lang=en>. Acesso em: 25 jul. 2020.

FERREIRA, Diogo Antonio Valente; ARANHA, Renata Nunes; SOUZA, Maria Helena Ornelas. Academic leagues: a Brazilian way to teach about cancer in medical universities. **BMC Medical Education**, v. 15, p. 236, dez. 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4696220/>. Acesso em: 3 nov. 2020.

FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **Estatuto do Conselho das Ligas Acadêmicas da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás**. 2013. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/360/o/ESTATUTO\\_CONLIG.pdf?1374937107](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/360/o/ESTATUTO_CONLIG.pdf?1374937107). Acesso em: 3 nov. 2020.

GOERGEN, Diego Inácio. Ligas acadêmicas: uma revisão de várias experiências. **ACM Arquivos Catarinenses de Medicina**, Florianópolis, v. 46, n. 3, p. 183-193, jul/set. 2017. Disponível em: <http://www.acm.org.br/acm/seer/index.php/arquivos/article/view/68>. Acesso em: 4 fev. 2021.

GONÇALVES, Rebeca Jesumary et al. Quem “liga” para o psiquismo na escola médica? A experiência da Liga de Saúde Mental da FMB - Unesp. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 298-306, jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/qcdSfPQmmRzKgcGb3dDsrx/f/?lang=pt>. Acesso em: 3 nov. 2020.

GONÇALVES, Mariana Fiuza et al. A importância da monitoria acadêmica no ensino superior. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. e313757, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3757>. Acesso em: 11 ago. 2021.

HAMAMOTO FILHO, Pedro Tadao et al. Normatização da abertura de ligas acadêmicas: a experiência da Faculdade de Medicina de Botucatu. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 34, n. 1, p. 160-167, mar. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/Nt83Ys8KP6Jdg47GqLSgLFRR/?lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2020.

HAMAMOTO FILHO, Pedro Tadao. Ligas Acadêmicas: motivações e críticas a propósito de um repensar necessário. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 35, n. 4, p. 535-543, dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/RcH7qnHW8tnC6hvM8kJGHWb/?lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2020.

IMAKUMA, Ernesto Sasaki. As Ligas Acadêmicas no Ensino Médico. **Revista de Medicina**, São Paulo, v. 92, n. 4, p. 271-272, out/dez. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/80008>. Acesso em: 20 nov. 2020.

KOIFMAN, Lilian. **A crítica ao modelo biomédico na reformulação curricular do curso de Medicina da UFF**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=189505&indexSearch=ID>. Acesso em: 20 nov. 2020.

KOIFMAN, Lilian. A teoria de currículo e a discussão do currículo Médico. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 22, n. 2/3, p. 379-4979, set/dez. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/jb4dbSdMCHmQXr57sdjYD5m/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 02 fev. 2021.

MAIA, José. O currículo no ensino superior em saúde. In: BATISTA, Nildo Alves; BATISTA, Silvia Helena, (Org.). **Docência em Saúde: temas e experiências**. São Paulo: SENAC, 2004. p.101-133.

MENDES, G. da S. Uma reflexão sobre educação: currículo. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 3, n. 3, p. e335491, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/5491>. Acesso em: 18 out. 2021.



MONTEIRO, Livia Leal Ferreira et al. Ligas acadêmicas: o que há de positivo? Experiência de implantação da Liga Baiana de Cirurgia Plástica. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 158-61, 2008. Disponível em: <http://www.rbc.org.br/details/405/pt-BR/ligas-academicas--o-que-ha-de-positivo--experiencia-de-implantacao-da-liga-baiana-de-cirurgia-plastica>. Acesso em: 11 abr. 2020.

MORAES, Daniela Macedo et al. The Importance of Student Leagues on Medical Training in Neurosurgery and Residency Choice. **Arquivos Brasileiros de Neurocirurgia**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 1, p. 13-18, mar. 2018. Disponível em: <https://www.thieme-connect.de/products/ejournals/pdf/10.1055/s-0038-1641579.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2020.

MOREIRA; Lucas Magalhães et al. Ligas Acadêmicas e Formação Médica: Estudo Exploratório numa Tradicional Escola de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 43, n. 1, p. 115-125, jan/mar. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/xrqzMQgyqM6zxV8T3QjvbCJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 mai. 2020.

MOTA, Sílvia. **Trabalhos acadêmicos: metodologia e apresentação gráfica**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2006. 111p.

PONTES, Sara de Moura; TORREÃO, Lara de Araújo. Influência da participação de estudantes em ligas acadêmicas na escolha da especialidade para o Programa de Residência Médica da Bahia 2017. **Revista de Medicina**, São Paulo, v. 98, n. 3, p. 160-167, jul. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/155902>. Acesso em: 3 jun. 2021.

PEGO-FERNANDES, Paulo Manual; MARIANI, Alessandro Wasum. Medical teaching beyond graduation: undergraduate study groups. **São Paulo medical journal**, São Paulo, v. 128, n. 5, p. 257-258, jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spmj/a/CmwZsnXpnWgtGvrCXCXfgBc/?lang=en>. Acesso em: 10 ago. 2020.

PERES, Cristiane Martins; ANDRADE, Antonio dos Santos; GARCIA, Sérgio Britto. Atividades extracurriculares: multiplicidade e diferenciação necessárias ao currículo. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 203-211, dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/9zRv4FHsknWwCqx9V3kJ5Dj/?lang=pt>. Acesso em: 1 ago. 2020.

RAMALHO, Alan Saito et al. Ensino de anestesiologia durante a graduação por meio de uma liga acadêmica: qual o impacto no aprendizado dos alunos? **Revista Brasileira de Anestesiologia**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 1, p. 68-73, jan/fev. 2012. Disponível em:

<https://bjan-sba.org/article/10.1590/S0034-70942012000100009/pdf/rba-62-1-68.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2020.

REGO, Sérgio Tavares de Almeida. **A prática na formação médica: o estágio extracurricular em questão**. 176p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

SANTANA, Ana Carolina Delazia Albuquerque. Ligas Acadêmicas estudantis. O médico e a realidade. **Medicina**, Ribeirão Preto, v. 45, n. 1, p. 96-98, mar. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/47582>. Acesso em: 23 set. 2020.

SILVA, Simone Alves; FLORES, Oviomar. Ligas Acadêmicas no Processo de Formação dos Estudantes. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 3, p. 410-417, set. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/QQMLpX339cvhMq5R6TsTT9M/?lang=pt>. Acesso em: 1 ago. 2020.

TAVARES, Ari de Pinho et al. O “Currículo Paralelo dos estudantes de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 31 n. 3, p. 254-265, set/dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/vTQRY6bbCnmVW7bcqLy497d/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 set. 2020.

TORRES, Albina Rodrigues et al. Ligas Acadêmicas e formação médica: contribuições e desafios. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 12, n. 27, p. 713-720, out/dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v12n27/a03v1227.pdf>. Acesso em: 22 set. 2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Centro Acadêmico Pirajá da Silva. **Regimento do Conselho das Ligas Acadêmicas da Faculdade de Medicina de Botucatu**. Faculdade de Medicina de Botucatu. UNESP. Botucatu, 2019.

YANG, Gabriela Yea-Huey et al. Liga de Anatomia Aplicada (LAA): as Múltiplas Perspectivas sobre Participar de uma Liga Acadêmica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 43, n. 1, p. 80-86, jan/mar. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/GyyP7rwpZpCN94xLRykYpVB/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 ago. 2020.

<sup>i</sup> João Eduardo Daher Carneiro Ferraz, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0423-1792>

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Médico Residente de Clínica Médica (UFES).

Contribuição de autoria: Busca em bases de dados e escrita.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0959694473192859>

E-mail: [joaoeferraz@gmail.com](mailto:joaoeferraz@gmail.com)

ii **Bruno Guimarães Marcarini**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0956-2280>

Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HCFMUSP)

Médico Residente de Genética Médica (HCFMUSP).

Contribuição de autoria: Busca em bases de dados e escrita.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8070311620184496>

E-mail: [bmarcarini1@gmail.com](mailto:bmarcarini1@gmail.com)

iii **Pedro Araújo Sette**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8804-2357>

Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM)

Estudante de medicina (EMESCAM).

Contribuição de autoria: Busca em bases de dados e escrita.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8482547401350137>

E-mail: [pedroa.sette@gmail.com](mailto:pedroa.sette@gmail.com)

iv **Caio Magno Deboni Neiva**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5544-89708>

Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP)

Estudante de medicina - FAMERP. Coordenador de Educação na Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina – DENEM.

Contribuição de autoria: Escrita.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5956271750879405>

E-mail: [caiomagnoneiva@gmail.com](mailto:caiomagnoneiva@gmail.com)

v **Rosana Alves**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9678-0563>

Faculdades Pequeno Príncipe (FPP)

Professora do Curso de Medicina e do Mestrado no Ensino nas Ciências na Saúde (FPP).

Coordenadora do Núcleo de Desenvolvimento Docente (FPP). Médica, Mestre em Pediatria,

Doutora em Pesquisa Clínica (UFRJ) e Pós-doutora em Ensino na Saúde (Unicamp).

Contribuição de autoria: Escrita e revisão.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5958737240424992>

E-mail: [rosana.alves@professor.fpp.edu.br](mailto:rosana.alves@professor.fpp.edu.br)

**Editora responsável:** Karla Colares Vasconcelos

### Como citar este artigo (ABNT):

FERRAZ, João Eduardo Daher Carneiro; MARCARINI, Bruno Guimarães; SETTE, Pedro Araújo; NEIVA, Caio Magno Deboni; ALVES, Rosana. Ligas Acadêmicas de Medicina: narrativa sobre currículo e regulamentação. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.